

**Dentro do laboratório fisiológico:
as disputas em torno da controvérsia sobre experimentos
com animais para fins científicos na Grã-Bretanha no século XIX.**

Giovanna Perez Altieri

Mestranda em Filosofia na USP

<http://lattes.cnpq.br/4174625748693943>

giovanna.altieri@usp.br

105

Durante o século XIX, houve um considerável aumento nos experimentos realizados com animais vivos, especialmente no campo da Fisiologia Experimental, que se tornou uma disciplina autônoma (Sharpey-Schafer, 1932, p. 781). Na Grã-Bretanha, país que foi o epicentro dessa expansão, também emergiu um movimento contrário aos experimentos. O debate em torno da vivisseção na Grã-Bretanha pode ser, de forma geral, definido pela divergência entre dois lados: aqueles que eram contra e aqueles que apoiavam a vivisseção, termo usado para se referir aos experimentos. No entanto, longe de ser uma disputa simples, essa controvérsia envolveu uma multiplicidade de questões morais e argumentos de ambos os lados. Assim, um amplo debate se formou em relação à finalidade científica desses experimentos e suas considerações éticas.

Em 1876, a Rainha Vitória instaurou uma Comissão Real com o objetivo de resolver essa questão. A partir da avaliação dessa comissão, pretendia-se tomar medidas legais, se necessário, em relação à realização de experimentos científicos em animais vivos, considerando como o avanço científico e a busca por conhecimento para diminuir o sofrimento humano ocorriam na Grã-Bretanha (Parliamentary Papers, 1876, p. vii).

Os movimentos contrários à vivisseção argumentavam que os experimentos eram desnecessários e cruéis (Rupke, 1987, p. 194), defendendo que a ciência deveria adotar uma conduta moral que levasse em consideração os interesses dos outros seres (Clarke, 1888, p. 2). Por outro lado, os defensores dos experimentos consideravam-nos indispensáveis para o desenvolvimento das ciências fisiológicas e médicas e, consequentemente, para o bem-estar humano.

O laboratório pode ser considerado o epicentro dessa controvérsia. O aspecto simbólico que o laboratório representava para os fisiologistas e para os oponentes da

vivissecação era completamente diferente. Para os fisiologistas, o laboratório era o espaço do progresso médico e o local de encontro de pessoas que conduziriam a sociedade para longe da ignorância. Já para os oponentes da vivissecação, o laboratório representava apenas uma "câmara de tortura glorificada" (Boddice, 2016, p. 75).

Dessa forma, a apresentação pretende abordar a disputa em torno de visões científicas e metodologias adequadas, bem como o papel da autoridade científica e dos valores éticos dentro da prática do laboratório, a partir da imagem que o laboratório representava no contexto.

Palavras-chave: Controvérsia científica. Vivissecação. Fisiologia. Epistemologia. Grã-Bretanha.

Bibliografia

BODDICE, Rob. *Vivisecting Major: A Victorian Gentleman Scientist Defends Animal Experimentation, 1876–1885*. Isis, Volume 102, N. 2, June, 2011.

CLARKE, J. H. *Monkey's brains once more*. London: Victoria Street Society, united with the International Association for the Protection of Animals from Vivisection, Reprinted from The Zoophilist, April, 1888.

PARLIAMENTARY PAPERS. *Report of the Royal Commission on the practice of subjecting live animals to experiments for scientific purposes; with minutes of evidence and appendix*. London: House of Commons Parliamentary Papers, 1876.

RUPKE, Nicholaas A. (Ed.). *Vivisection in historical perspective*. London: Croom Helm, 1987.

SHARPEY-SCHAFER, Edward. *History of physiology in Great Britain during the last hundred years*. The British Medical Journal, Oct, 29, 1932.